

Urbanismo, modernidade e projeto nacional: reflexões em torno do Plano

Agache

Fernando Diniz Moreira

Professor Adjunto Depto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pernambuco
fmoreira@hotmail.com.br

Enquanto que urbanismo na Europa nasceu no bojo de um processo de modernização e reforma social, no Brasil ele encontrou um país que não era verdadeiramente urbano e industrial. Portanto, teorias européias desenvolvidas em resposta à modernização chegaram ao Brasil antes que a modernização acontecesse. Este descompasso levanta uma série de questões. Se tomarmos como verdadeira a recorrente afirmação que a modernização brasileira é incompleta, já que as elites locais procuraram modernizar o país sem uma correlata transformação na estrutura social, pode-se argumentar que o urbanismo, assim como fábricas, redes de transportes e arranha-céus, assumiu uma natureza marcadamente simbólica. Argumentamos que o projeto do urbanismo no Brasil procurou criar espaços para uma sociedade moderna que ainda não existia, terminando por reduzir-se à imagens fragmentadas de modernidade. Não obstante, muitas dessas imagens sugerem uma forma de comportamento para as futuras massas brasileiras e são reveladoras sobre as concepções que a sociedade brasileira detinha para seu futuro.

Este texto reflete sobre estes temas tomando como exemplo o plano de Alfred Agache para o Rio de Janeiro, elaborado entre 1928 e 1930. O plano Agache foi um marco na evolução do urbanismo brasileiro e um dos exemplos máximos do urbanismo defendido pela *Société Française des Urbanistes* (SFU). Seu objetivo era resolver os problemas funcionais do Rio de Janeiro, dar-lhe uma feição de capital e incutir na mente de seus habitantes um ideal social de vida moderna, sem descurar de requerimentos funcionais, como zoneamento e tráfego. Além de uma análise do processo de contratação de Agache e de seu relacionamento com as elites locais, que são bastante ilustrativos da discussão entre nacionalismo e internacionalismo, a ênfase recairá sobre os grandes espaços urbanos projetados por Agache, a Entrada do Brasil e a Praça do Castello.

Palavras-Chave: Urbanismo, Projeto Nacional, Rio de Janeiro

Urbanism was born in the midst of a social modernization context in Europe, but in Brazil it found a country which was neither urban nor industrial. Therefore, European theories that were developed in response to modernization began arriving in Brazil even before the country's actual political and social modernization. This gap provokes many questions. If we accept that Brazilian modernization is incomplete, as local elites attempted to modernize the

country without transforming its social structure, we can argue that urbanism— as well as factories, networks of transportation and skyscrapers – acquired a patently symbolic nature. My argument is that the project of urbanism attempted to create spaces for a modern society that did not exist yet, reducing itself to fragmentary images suggesting modernity. However, these images suggested a way of behaving for the future Brazilian masses and illuminates the conceptions Brazilian society held for its future.

This paper reflects on these topics taking into consideration Alfred Agache's plan for Rio de Janeiro, elaborated between 1928 and 1930. This plan was a hallmark in the evolution of Brazilian urbanism and one of the best examples of the urbanism proposed by the *Société Française des Urbanistes* (SFU). Its objective was to solve the city's functional problems, to provide it with an expression of a capital, and to inculcate Rio's inhabitants with a social ideal of modern life, while still considering functional requirements, such as zoning and traffic. In addition to the analysis of the commissioning of Agache and his relationship with local elites, I will emphasize the great urban spaces designed by Agache, the Gateway of Brazil and the Castello Square.

Key-words: Urbanism, Rio de Janeiro, Nation-Building

Enquanto que urbanismo na Europa nasceu no bojo de um processo de modernização e reforma social, no Brasil ele encontrou um país que não era verdadeiramente urbano e industrial. Portanto, teorias européias desenvolvidas em resposta à modernização chegaram ao Brasil antes que a modernização acontecesse. Este descompasso levanta uma série de questões. Se tomarmos como verdadeira a recorrente afirmação que a modernização brasileira é incompleta, já que as elites locais procuraram modernizar o país sem uma correlata transformação na estrutura social, pode-se argumentar que o urbanismo, assim como fábricas, redes de transportes e arranha-céus, assumiu uma natureza marcadamente simbólica. Argumentamos que o projeto do urbanismo no Brasil procurou criar espaços para uma sociedade moderna que ainda não existia, terminando por reduzir-se à imagens fragmentadas de modernidade. Não obstante, muitas dessas imagens sugerem uma forma de comportamento para as futuras massas brasileiras e são reveladoras sobre as concepções que a sociedade brasileira detinha para seu futuro.

Este texto reflete sobre estes temas tomando como exemplo o plano de Alfred Agache para o Rio de Janeiro, elaborado entre 1928 e 1930.¹ O plano Agache foi um marco na evolução do urbanismo brasileiro e um dos exemplos máximos do urbanismo defendido pela *Société Française des Urbanistes* (SFU). Seu objetivo era resolver os problemas funcionais do Rio de Janeiro, dar-lhe uma feição de capital e incutir na mente de seus habitantes um ideal social de vida moderna, sem descurar de requerimentos funcionais, como zoneamento e tráfego. Além de uma análise do processo de contratação de Agache e de seu relacionamento com as elites locais, que são bastante ilustrativos da discussão entre nacionalismo e internacionalismo, a ênfase recairá sobre os grandes espaços urbanos projetados por Agache, a Entrada do Brasil e a Praça do Castello.

A fé tropical no urbanismo: Agache e seus clientes

O processo de contratação de Agache representou as aspirações de uma geração de urbanistas brasileiros e revela muito sobre o processo de afirmação do Brasil. Alfred Agache (1875-1959) foi figura essencial deste movimento de institucionalização do urbanismo no mundo (fig.1).² Diplomado pela École des Beaux-Arts de Paris em 1905, Agache não se deteve nos parâmetros da escola e buscou desde cedo uma formação complementar em sociologia. Ele participou ativamente das discussões do *Musée Social* e foi um dos fundadores da *Société Française des Urbanistes* (SFU) em 1911, sendo seu secretário executivo desde a fundação até 1939, quando emigrou definitivamente para o Brasil. Foi um urbanista ativo, fazendo diversos planos para cidades francesas e participando ativamente de congressos e publicações nos anos 1910 e 1920. Esses artigos culminariam em um trabalho mais sistemático chamado *Comment reconstruire nos cite détruites*, publicado em 1916, em conjunto com Jacques-Marcel Auburtin e Edouard Redont.³ O livro é

¹ Alfred Agache, *Cidade do Rio de Janeiro: Remodelação, extensão e embelezamento* (Paris: Foyer Brésilien, 1930). O plano foi publicado em português em 1930 e em francês em 1932. Alfred Agache, *La remodelation d'une capitale: aménagement, extension, embellishment* (Paris: Société Cooperative d'Architects, 1932).

² Para informações sobre a vida, formação e trabalhos de Agache ver: Catherine Bruant, "Donat-Alfred Agache: urbanismo, uma sociologia aplicada" in *Cidade, povo, nação: gênese do urbanismo moderno*, Luiz Cesar Ribeiro and Robert Pechman, org. (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994), 167-202; Ibid., "Une architecte à l'école d'énergie: Donat Alfred Agache, du voyage à l'engagement colonial" *Revue du Monde Musulman et de la Méditerranée*, n.73-74 (1994): 99-107; Ibid., "Donat-Alfred Agache: l'architecte et le sociologue" *Les Études Sociales* 122 (1994): 23-65. Jean Christophe Tougeron, "Donat-Alfred Agache, un architecte urbaniste: un artiste, un scientifique, un philosophe" *Cahiers de la Recherche Architecturale* VIII, (1981): 31-48; David Underwood, "Alfred Agache, French Sociology and Modern Urbanism in France and Brazil" *Journal of the Society of Architectural Historians* (June 1991): 133-140 Fernando Diniz Moreira, *Shaping Cities, Building a Nation: Alfred Agache and the Dream of Modern Urbanism in Brazil (1920-1950)*, Ph.D. Diss. (Philadelphia: University of Pennsylvania, 2004): 83-89.

³ Alfred Agache, Jacques-Marcel Auburtin, and Edouard Redont, *Comment reconstruire nos cités détruites; notions d'urbanisme s'appliquant aux villes, bourgs et villages*, (Paris, A. Colin, 1916).

o mais completa explanação do programa de urbanismo da SFU, antecipando em detalhe uma extenso programa de reconstrução de cidades francesas no pós Primeira Guerra.

No Brasil, durante os anos 20, teve início-se uma longa discussão sobre a cidade brasileira e sua transformação em uma metrópole moderna. Nesta década, emergiu uma geração de engenheiros especializados em urbanismo que incluía figuras como s Ulhôa Cintra, Prestes Maia, Anhaia Mello, Armando de Godoy, e José Estelita. Esta geração trazia novas idéias e novos instrumentos de urbanismo, atualizados em relação aos últimos desenvolvimentos na Europa e nos Estados Unidos. Estes novos profissionais passaram a pressionar por leis de zoneamentos, códigos de construção, levantamentos e a introduzir novos temas, como custos financeiros, áreas verdes, e habitação na discussão. Eles procuraram inculcar na sociedade a necessidade de planos urbanos feitos com base técnica e científica.

No final da década havia uma grande demanda por planos e o urbanismo havia ganho certa legitimidade perante as elites políticas. Se um consenso sobre o plano do Rio tinha sido alcançado, o principal ponto de discórdia residiu na nacionalidade do urbanista a ser contratado. Argumentos a favor de um estrangeiro incluíam a superior capacidade técnica e o fato de estar acima de interesses paroquiais, mas os clamores nacionalistas tinham muito impacto e questionava-se se um estrangeiro poderia criar uma cidade legitimamente brasileira e compreender e enaltecer a paisagem do Rio de Janeiro. Arquitetos em busca de afirmação da profissão foram em sua maioria contrários à escolha de um estrangeiro, pois a esta poderia revelar a incapacidade desta classe de confeccionar o plano. No entanto, quando começou a se cogitar que o escolhido seria um arquiteto, alguns desses profissionais passaram a apoiar a vinda de um arquiteto-urbanista estrangeiro o que poderia vir a contribuir para a afirmação da profissão no campo do urbanismo.

Esse era um período complexo no qual muitos temas se entrecruzavam: engenheiros e arquiteto disputando um mercado, um novo campo disciplinar emergindo entre essas duas profissões, e uma discussão mais complexa sobre a identidade da sociedade brasileira tomando corpo. O que estava em questão era muito mais que a figura de Agache ou a necessidade ou não de um plano. O debate criado em torno da contratação de Agache oferece importantes pistas sobre a recepção do urbanismo pela elite educada do país.

Quando o novo prefeito, Prado Junior, assumiu seu posto no início de 1927 a idéia do plano já estava consolidada. Prado Junior apoiava a vinda de um estrangeiro e iniciou contatos que culminaram na contratação de Alfred Agache em junho de 1927.⁴ A contratação de

⁴ Uma figura crucial para a contratação de Agache foi Francisco Guimarães, um diplomata brasileiro em Paris. Um simpatizante do urbanismo, Guimarães já fazia campanha por um plano para o Rio de Janeiro desde 1919 e estava em contato com figures como Jacques Gréber, Tony Garnier e

Agache foi celebrada e tida como um marco de uma nova era para o Rio de Janeiro.⁵ Armando de Godoy lembrou o poder dessa nova ciência, o urbanismo, e os efeitos positivos que a vinda de Agache teria, sobretudo para o aprendizado dos profissionais locais.⁶

Porque estava Agache interessado em visitar e trabalhar no Brasil? Além do esforço propagandístico da *Société Française des Urbanistes* e da falta de trabalho na França, o Rio de Janeiro, uma das maiores cidades do continente americano, era um espaço privilegiado para mostrar seu urbanismo. Além disso, o plano do Rio poderia ser uma oportunidade para conseguir o contrato da futura capital do Brasil, a qual já estava sendo discutida naquele momento.

Porque Agache foi o escolhido pelos brasileiros? O que Agache representou para essa elite política e profissional? Além do prestígio alcançado por seus planos para Camberra e Dunquerque, Agache tinha familiaridade com diferentes tendências do urbanismo. Sua proeminência nos meios profissionais parisienses conferiu-lhe a autoridade para representar uma síntese do urbanismo francês. Tudo isso ajudou a criar um certo consenso entre os brasileiros que prestigiavam a cultura parisiense. Pode-se argumentar ainda que Agache, com sua ênfase em ambos os aspectos técnico e artístico da cidade moderna, apelou para as aspirações tanto dos engenheiros como dos arquitetos brasileiros. Ele convenceu as duas profissões de que era capaz de pensar a cidade em termos técnicos, funcionais e artísticos. Além disso, uma figura estrangeira estaria acima das querelas políticas locais.

A formação sociológica de Agache também impressionou aqueles membros da elite propensos à reforma social. Acreditamos que a posição de Agache como um arquiteto de *Beaux-Arts*, não foi um ponto importante. Essa discussão transcedeu elementos formais ou filiações estéticas. Acreditamos que as elites profissionais locais estavam mais interessadas em um método, uma nova forma de pensar as cidades e isso era particularmente atraente para o corpo técnico da municipalidade. Agache atraiu sua audiência não apenas por seu estilo mas por sua habilidade de repensar as cidades existentes. Sua abordagem *Beaux-Arts*, entretanto, atraiu o suporte dos membros da elite política, que persistiam na busca de imagens parisienses, como nas décadas anteriores. A figura de Agache, portanto, apelou para diferentes audiências, as quais tinha diferentes motivos para apoiá-lo.

Agache. Francisco Guimarães, "L'urbanisme au Brésil", *Le Maître d'Oeuvre*, 4, 33 (1929), 5-6; Francisco Guimarães "O remodelamento do Rio de Janeiro", *Notícias Rotárias*, 3, 49 (1926), 4-5. Sobre esse processo de contratação ver Fernando Moreira, *Shaping Cities*, 58-64.

⁵ Luis Rodolpho Albuquerque Filho, "A obra do urbanista Agache: sua situação no Brasil" *Revista do Club de Engenharia* (August, 1959).

⁶ Armando de Godoy, *A urbs e seus problemas*, 45, 47, 323.

O plano Agache: circulação e zoneamento

O plano de Agache é composto de três partes. A primeira empreende um exaustivo e amplo estudo da situação da cidade; a segunda parte é o plano propriamente dito, enquanto a terceira “Os grandes problemas sanitários”, aborda a questão do abastecimento d’água, do esgotamento sanitário e das inundações.

A primeira parte, “Os componentes antropogeográficos e a análise geral da situação urbana”, é subdividida em duas secções. Enquanto a primeira é uma árida descrição da evolução histórica do Rio de Janeiro, a segunda é um estudo geográfico que sintetiza as particularidades do sítio e os aspectos econômicos e sociais da cidade. Agache entendeu o espírito da cidade, o complexo mosaico formado por porções de terra, montanhas, lagoas, florestas e o mar, mas, ao contrário de Le Corbusier, que foi emocionalmente tocado pelo sítio, Agache capturou sua essência mediante uma investigação cuidadosa e metódica. O estudo estatístico envolveu aspectos econômicos e demográficos e foi influenciado pelas pesquisas sociais do *Musée Social*. Agache separou as partes da cidade em unidades funcionais e sintetizou sua evolução através dos séculos, revelando os movimentos de pessoas e de mercadorias entre a cidade e a região. Em suma, ele confirmou o papel do Rio de Janeiro como uma metrópole regional, industrial e comercial.

Na segunda parte, “Rio de Janeiro Maior”, Agache apresentou seu plano. Após enfatizar as duas funções essenciais do Rio de Janeiro, sua função político-administrativa e sua função econômica, o urbanista francês definiu que os problemas eram de ordem funcional e representacional. Por um lado, o tráfego congestionado, o transporte público insuficiente, os edifícios altos em ruas estreitas e a falta de infra-estrutura atestavam que a cidade não estava funcionando adequadamente.⁷ Por outro lado, ao não possuir uma aparência de capital de um novo e pujante país, o Rio mostrava que tinha problemas de representação, faltava-lhe aquilo que Vitruvius e Alberti chamaram de “decorum”. De acordo com Agache, o Rio de Janeiro precisava urgentemente de uma imagem adequada de capital:

“Eis aqui a capital de um paiz que tem 40 milhões de habitants cujo Senado está installado num antigo pavilhão de exposição. A Camara dos Deputados, edificada entre duas pequenas ruas, apesar da sua construção recente, apresenta-se já insufficiente. Afóra o Ministério das Relações Exteriores e o dos Correios, installados em antigos palácios preparados para este fim, os outros ministérios occupam locaes poucos appropriados e sem conforto e, para as paradas militares ou demonstraçoens patrioticas, a cidade não possúe uma praça de honra nem avenidas espaçosas e convenientemente traçadas.”⁸

⁷ Agache, *Cidade*, 121, 157.

⁸ *Ibid.*, 122.

Após afirmar que a cidade não estava correspondendo adequadamente a essas funções, Agache tratou de esboçar o esqueleto de seu plano. Seu objetivo principal era “assegurar a existência dos elementos funcionais e alocá-los adequadamente na cidade” e “estabelecer uma rede de ruas para prover uma ligação rápida entre estes elementos”.⁹ Nessa estratégia, os dois principais pontos nos quais Agache focou sua atenção foram circulação e zoneamento.

O futuro do Rio de Janeiro, diante de sua difícil topografia, dependeria de um bom esquema de circulação que facilitasse a comunicação entre os diferentes bairros. A cidade do futuro deveria possibilitar o movimento e a comunicação de todas suas partes com o uso de diversos meios de transporte, deveria estar ela própria em movimento. Assim, Agache propôs um sistema de vias expressas, rótulas e cruzamentos de modo a tornar a cidade mais fluida (fig.2). Esse esquema radial-perimetral era claramente influenciado pelas idéias de Eugène Henárd para Paris, além de ter sido originário da própria de vivência de Agache na Paris pós-Haussmann.¹⁰ O Rio de Janeiro deveria ser o ponto nodal de uma rede nacional de comunicação (incluindo rodovias, ferrovias e sistemas telefônicos).¹¹ Assim, as grandes rodovias nacionais e regionais deveriam penetrar no coração da cidade na forma de duas grandes avenidas, a Paulista e a Petropolitana, que se cruzariam na denominada Praça da Bandeira. Uma avenida periférica, provavelmente influenciada pelo plano de Barcelona de Léon Jausselly, de 1905, facilitaria a comunicação entre as áreas periféricas e o centro.

O zoneamento foi o outro ponto básico do projeto. Segundo Agache, a vida urbana gravitaria em torno de alguns “elementos funcionais” que seriam os organismos primordiais da cidade. Esses elementos foram agrupados em sete categorias: o posto de comando (o centro legislativo e administrativo), os bairros de negócios e o distrito portuário, os distritos comerciais, os distritos da produção (distrito industrial e as áreas de agricultura), os bairros residenciais, o distrito universitário, e as áreas de recreação (parques, espaços livres, museus, teatros e cinemas). Cada um desses elementos tinha uma papel específico na malha da cidade. Assim, era preciso identificá-los na malha, analisá-los e alocá-los da melhor forma na cidade, estabelecendo relações corretas entre eles.¹² A cidade seria assim

⁹ Ibid.,120.

¹⁰ Referindo-se à sua *Nouvelle Croisée*, Henárd afirmou que “leur fonction et leur utilité est de s’élancer au delà de l’enceinte vers la province et de faciliter l’échange des produits et des forces vives du pays” Eugène Henárd, *Études sur les Transformations de Paris*, 1903-1909 (Paris: L’Equerre, Paris, 1982): 168. Ver também p.161-174.

¹¹ Agache, *Cidade*,120.

¹² Ibid.,157-159.

funcional e formalmente dividida para ser posteriormente reconectada por um sistema coerente de circulação.

As principais questões que guiaram Agache foram como estabelecer o tamanho adequado de um bairro e como localizá-lo na malha urbana? Agache fixou densidades, regulamentos de construção, tipos e morfologia de habitação para cada distrito, definindo sua forma, imagem e posição dentro da malha da cidade e assegurando um grau de hierarquia entre eles. Essa conjugação entre morfologia urbana, zoneamento e tipologia arquitetônica irá definir a forma do bairro, das ruas, enfim, a fisionomia do bairro. A legislação do *zoning* é que deveria diferenciar os bairros, "...ela tem por fim evitar que os bairros, que satisfazem a determinadas necessidades, sejam invadidos por construções que mudariam completamente seu caráter."¹³ Na concepção deste bairros, Agache estava preocupado com a uniformidade do conjunto.

Percebe-se, então, que a noção agachiana de *zoning* é bem mais complexa do que um simples conjunto de regras que cria mecanicamente a cidade. Ela tem como finalidade moldar plasticamente a forma da cidade, ou seja, associar as funções e elementos da cidade com a estética e a forma urbana. Assim, o urbanismo é também a arte de composição que faz com que os bairros tenham sua fisionomia própria, e que sejam diferentes um dos outros, mas combinando-se em uma imagem harmônica e coerente de cidade. A cidade seria definida por uma disposição diferenciada de malhas contínuas, alternância de cheios e vazios, quadras em blocos, edifícios, arruamentos e praças (fig.3). O ato de planejar a cidade é um ato efetivamente arquitetônico

A abordagem de Agache para a área central baseava-se em sua formação na École des Beaux-Arts. Para ele, a cidade deveria ter uma *échelle des types*, uma gradação de tipos e alturas, que resultariam em uma silhueta mais densa e alta no centro, e uma mais rarefeita e baixa nos subúrbios. No seu plano, o centro da cidade ocuparia a principal posição nessa hierarquia, sediando os edifícios mais importantes. Os edifícios altos contribuiriam para criar esta imagem coerente de cidade.

O esquema de Agache para a área central do Rio de Janeiro teria um formato aproximadamente triangular (fig.4). A base do triângulo, a Avenida Rio Branco, e o eixo inclinado, a Avenida Mem de Sá, já existiam, fruto dos trabalhos de Pereira Passos. Agache propôs o terceiro lado do triângulo, o eixo vertical, que seria um super *boulevard* (a futura Avenida Presidente Vargas) conectando a Praça da Bandeira com o porto e cruzando a área mais densa do centro. A Igreja da Candelária já aparecia intacta no meio da avenida.

¹³ Ibid., 219.

O urbanista francês também propôs uma nova avenida, a Santos Dumont, que seria uma segunda base do triângulo, criando a imagem de dois triângulos superpostos, além de outras avenidas para completar seu esquema.

Seis praças concentrariam as principais atividades na área central: Entrada do Brasil, Castello, Paris, Bandeira, Santo Antônio, e Candelária. Essas praças estariam locadas nos vértices desses triângulos e atuariam como importantes núcleos de recepção e irradiação do tráfego, e isso estava refletido em suas formas, geralmente uma *étoile*. Apenas as duas primeiras receberam um tratamento detalhado por Agache. Pode-se argumentar que ênfase de Agache nos elementos simbólicos do plano fez com que ele se concentrasse na Entrada do Brasil e na Praça do Castello, as praças que simbolizariam os poderes do novo Estado e da pujante vida econômica.

A Entrada do Brasil: “Decorum” para toda a nação

As preocupações de Agache em relação ao conteúdo simbólico do plano e à necessidade de se reafirmar a condição de capital do Rio de Janeiro foram claramente materializadas no projeto para a Entrada do Brasil, uma vasta praça à beira-mar cercada por edifícios públicos. Agache procurou criar um monumental espaço para as paradas cívicas e comemorações, o qual afirmasse o poder da nação (fig.5-7).¹⁴

Para criar essa praça, Agache propôs um grande aterro retificando a costa, cujo material viria da prevista demolição do Morro de Santo Antônio. A praça tinha um formato semi-octogonal de aproximadamente 250 por 350 metros e abrigaria os edifícios mais representativos do país, os quais deveriam ser avistados de longe da baía. O edifício central, um enorme auditório público e centro de convenções, teria uma forma similar à do Panthéon, com duas torres geométricas de cada lado da fachada principal. Ao lado do auditório estava o Senado à direita, e a Assembléia Nacional à esquerda. Os volumes da Assembléia e do Senado eram ofuscados por enormes fachadas de templos clássicos. Marginando a baía, estavam o Palácio de Belas Artes, no lado direito, e o Palácio do Comércio e da Indústria, no lado esquerdo. Apesar de seus diferentes usos, esses edifícios apresentavam formas similares, já que eram sobretudo destinados a completar a composição. A influência do Plano do Centro Cívico de Chicago de Daniel Burnham é muito evidente e pode ser vista em muitos pontos do conjunto.¹⁵

O caráter austero, o classicismo despido, a ausência de detalhes enfatizavam a força e o poder do regime. Os últimos andares desses edifícios, cujo gabarito atingia cerca de dez

¹⁴ Ibid., 161.

¹⁵ Daniel Burnham, Edward Bennett, *Plan of Chicago* (New York: Princeton Architectural Press, 1993): 109, CXX-CXXII and CXXIX; Hall, *Cities of Tomorrow*, (Oxford: Blackwell, 1996), 177-183.

andares, formavam um grande e pesado coroamento pontuado por pequenas mas profundas aberturas, o qual unificava os volumes. Pares de colunas colossais sem capitéis suportavam esse coroamento e criavam um jogo dramático de claro e escuro, na medida em que as fachadas se encontravam recuadas nas sombras. A repetição e a uniformidade desses edifícios e de seus motivos arquitetônicos contribuíam para gerar unidade por toda a praça. Os edifícios não possuíam nenhuma individualidade, e todos os seus detalhes estavam subordinados à lógica da praça. As plantas dos edifícios eram acadêmicas e também estavam subordinadas às formas ditadas pela praça, na medida em que as fachadas eram claramente adicionadas aos edifícios, sem se adequar à sua lógica interna.

A superfície da praça era elevada um metro e meio do resto do conjunto. Nessa plataforma, regimentos compactos de soldados são mostrados fazendo uma espécie coreografia que parece estar relacionada com os elementos arquitetônicos. O conjunto possui uma forte teatralidade e uma formalidade que contrastaria com as agitadas ruas comerciais próximas. O motivo para uma vasta praça em frente ao mar, cercada por edifícios uniformes, tem seus antecedentes na culturas portuguesa e brasileira, como atestam a famosa Praça do Comércio em Lisboa e o Largo do Paço no Rio de Janeiro, ambos do século XVIII.

De acordo com Agache, essa entrada monumental seria um espaço de recepção para pessoas importantes que chegassem ao Brasil, um majestoso espaço para mostrar a importância dessa nova nação: “Nesse lugar, serão feitas paradas, autoridades irão receber eminentes personalidades chegando pelo mar, por navio ou por aeroplano”.¹⁶ Essa “atrativa e imponente fachada marítima” iria simbolizar os valores e as qualidades a serem admirados, como equilíbrio, harmonia, moral e organização.¹⁷ Havia uma crença de que a criação de conjuntos urbanísticos poderia subordinar os indivíduos ao poder nacional, ao interesse geral de uma sociedade moderna e organizada. O papel do urbanista seria o de ajudar a concretizar essa imagem, criar um vocabulário para expressar essa ordem e fazer esses valores aparentes. Como os seus compatriotas da época pós-revolucionária, Agache firmemente acreditava que espaços e edifícios públicos ajudariam a moldar uma vida cívica e um novo tipo de cidadão.

As fachadas austeras e o marchar disciplinado dos soldados, entretanto, parecem antecipar eventos trágicos: o autoritarismo que iria se abater sobre a Europa e também sobre o Brasil alguns anos adiante. Agache e seus colegas da SFU, entretanto, não tinham inclinações totalitárias. De acordo com David Underwood, os conjuntos monumentais de

¹⁶ Agache, *Cidade*, 161.

¹⁷ “A mais bella cidade do mundo: O que será o Rio de amanhã” *O Paiz*, 11 Novembro 1928, 3.

Agache refletem seus interesses pela sociologia, particularmente as teorias de Durkheim.¹⁸ Durkheim enfatizava a disciplina e o patriotismo como valores essenciais para a formação de uma consciência coletiva. Ordem militar, moralidade e solidariedade social formavam a base para a criação de cidadãos e massas disciplinadas. Ao elevar a praça, Agache criou uma plataforma, um palco que representaria um corpo de doutrina social para a formação do Brasil moderno. Essa praça, que Agache eventualmente chamava de “posto de commando” seria o lugar para o qual os brasileiros voltariam seus olhares para serem instruídos sobre a modernidade, o lugar que iria dar o exemplo para o resto do país. Ali os brasileiros não poderiam fazer carnavais, batuques ou festas populares e espontâneas. Os novos ideais de urbanidade e civilidade iriam ser recebidos do exterior, como a própria forma da praça o sugere e daí transmitidos para todo o país. Curiosamente, a praça, na medida em que se voltaria para o mar em busca de novas idéias e costumes, daria as costas às massas que viviam nos morros. Como na remodelação da era Passos, essa praça iria funcionar como uma vitrina para mostrar aos estrangeiros que o Brasil era uma nação organizada e moderna.¹⁹

A Praça do Castello e a harmonia dos arranha-céus

Segundo o plano de Agache, a Praça do Castello iria ocupar o vazio deixado pelo arrasamento do Morro do Castello e seria cortada por três avenidas, uma delas proveniente da Entrada do Brasil, a Avenida Santos Dumont, resultando em um conjunto de formato heaxagonal. Cada um dos seis quarteirões seria ocupado por um enorme edifício apresentando galerias no nível da rua e pários internos (fig.8-10). Desses seis edifícios se elevariam dezesseis torres de cem metros para abrigar as sedes de corporações, escritórios de órgãos públicos e de grandes jornais, hotéis e lojas luxuosas que mostrariam o poder dessas novas forças econômicas do Brasil moderno. Agache enfatizou a necessidade de agrupar esses edifícios para ressaltar o poder dessas novas forças:

Em vez de permittir que estes elementos característicos de nossa vida moderna se dispersem aos quatro ventos e percam toda a expressão simbólica, não se poderia, pela reunião[...] em um conjunto orgânico de edifícios e espaços livres, chegar à criação de grandes centros monumentaes, compostos [...], para exprimir os ideais econômicos e sociais da comunidade de nossa época?²⁰

Se, na cidade medieval, a catedral era a suprema expressão da alma de uma comunidade, marcando sua silhueta e concentrando suas aspirações artísticas e religiosas, aqui os

¹⁸ David Underwood, “Alfred Agache, French sociology, 151.

¹⁹ Agache, *Cidade*, 162, 208. Dessa praça, duas avenidas diagonais partiam, uam em direção a Praça do Castello, outra em direção à Praça da Bandeira. As mesmas características majestosas estavam presentes nos Jardins do Calabouço.

²⁰ *Ibid.*, 129.

novos conjuntos de edifícios expressariam as novas forças da era moderna. Para um arquiteto como Agache, preocupado não apenas com os aspectos funcionais de uma cidade mas também com os formais, a solução para o problema artístico da cidade residia na construção de conjuntos arquitetônicos, que melhor representassem as aspirações de uma sociedade moderna. Agache promoveu o agrupamento de edifícios como uma forma de criar um cenário:

“[Os edifícios], se forem bem estudados permitindo entrarem no quadro do conjunto, contribuirão na formação do decoro geral; a sua aparência, o seu bloco, os fundos de perspectiva, serão outros tantos elementos que contribuirão ao embelezamento do organismo urbano e a expressão do genio cívico. Portanto, é indispensável que o urbanista ocupe-se não apenas da disposição dos edifícios em plano, mas imagine igualmente o seu volume.”²¹

Em outubro de 1928, respondendo a uma enquete de “O Paiz”, sobre a adequação de arranha-céus na paisagem do Rio, Agache afirmou:

“Eu não sou um inimigo dos arranha-céus, se, [...]elle for bem construído e collocado judiciosamente no bairro que lhe compete. A melhor prova está na nova planta que levantei para os terrenos do Castello, onde reservei logar para um certo numero delles. Estes estão reflectidamente dispostos de maneira a produzir um conjunto decorativo.”²²

Para o urbanista francês, a organização de grandes complexos arquitetônicos era a chave para se conseguir uma cidade perfeita. Na sua visão, os menores detalhes de um edifício deveriam estar submetidos ao todo, da mesma forma como os indivíduos deveriam estar submetidos ao todo, ao interesse geral da sociedade, como no ideal durkheimiano. Como a Entrada do Brasil, a Praça do Castello deveria transformar massas de indisciplinados e preguiçosos em trabalhadores ativos, disciplinados e eficientes.²³

A totalidade do plano

Apesar de a construção da Praça do Castello e da Entrada do Brasil não implicarem grandes demolições do tecido histórico, visto que o Morro do Castello já se encontrava arrasado e a área para a Entrada do Brasil seria conseguida por meio de um aterro proveniente do Morro de Santo Antônio, o tratamento do centro da cidade por Agache implicaria grandes transformações na área central, particularmente no setor bancário. Visando melhorar as condições de tráfego no centro, Agache propôs ruas pedestrianizadas e impôs um novo regulamento no qual novos edifícios de 12 andares ocupariam o limite dos lotes e deixariam os pátios internos livres. Essas massas edificadas seriam o fruto da

²¹ Ibid., 211.

²² “A Remodelação do Rio: O que o Sr. Agache disse ao Paiz: uma sensacional entrevista sobre os arranha-céus” *O Paiz* October 9 1928: 1; “A mais bella cidade”, 1.

²³ Agache, *Cidade*, 121.

incorporação dos lotes antigos em unidades maiores em comum acordo com os antigos proprietários e os novos empreendedores e seguiriam os modernos padrões pensados para a Praça do Castello, com lojas e arcadas no nível da rua e áreas de estacionamento no subsolo. Esses padrões provaram ser muito influentes para a remodelação das cidades brasileiras durante o Estado Novo, notadamente Recife e Porto Alegre.

O plano é desigual na medida em que desenvolve algumas partes em detalhe, enquanto apenas define vagamente outras áreas. A Praça da Bandeira, por exemplo, apesar de sua importância, não recebe um tratamento à altura, além da desatenção para com as zonas suburbanas residenciais. Este desequilíbrio pode ser explicado pela pressão a que Agache estava submetido para apresentar resultados e finalizar o plano.

Apesar de a atenção de Agache estar voltada para o centro da cidade, ele propôs a criação de um distrito industrial, parques e áreas residenciais. Ele redesenhou completamente a costa norte, aterrando mangues, canalizando riachos e retificando a costa para criar uma moderna zona industrial junto à área portuária, com todas as facilidades modernas: docas, maquinaria, estaleiros, armazéns. Economia e eficiência guiaram Agache no planejamento desse distrito, visto que fábricas, produtos, armazéns, navios, trens e trabalhadores estariam em um constante e concatenado movimento, como uma grande linha de produção.

Os espaços livres também fizeram parte da estratégia de Agache, já que para ele a vida moderna era uma vida ao ar livre.²⁴ O urbanista francês propôs um sistema de parques espalhados pelos vales da cidade, mas conectados por vias-parque (*parkways*) que os tornaria acessíveis de qualquer parte da cidade. Alguns desses parques eram formados por florestas nativas que seriam conservadas e ampliadas.

Em relação aos bairros residenciais, Agache optou por uma expansão tentacular e comedida pelos vales, deixando várias áreas livres dentro dos limites da mancha urbana. Propôs diferentes tipos de bairros residenciais compostos por vilas isoladas, edifícios de porte médio e alto porte. Não se pode dizer que habitação estava entre as prioridades de Agache para o Rio de Janeiro, já que existiam poucas indicações precisas sobre a forma e a construção desses novos bairros.²⁵

Agache e as disputas locais

²⁴ Ibid., 129.

²⁵ Exceto pelo projeto do Leblon e pelas descrições sumárias de que edifícios altos estariam dispostos ao longo das principais avenidas que se dirigiam ao subúrbios e que as villas para as elites estariam nos aprazíveis vales da zona sul, não havia qualquer indicação sobre a localização desses bairros na estrutura urbana.

O clima positivo da recepção de Agache não durou muito. Após se estabelecer na cidade no início de 1928, Agache começou a enfrentar resistências. A prefeitura não procurou atrair profissionais que contribuíssem para a discussão das diretrizes do plano.²⁶ Por diversas vezes, a Câmara atrasou o pagamento dos honorários de Agache argumentando a falta de resultados.

Quando Agache apresentou as primeiras idéias do plano em novembro de 1928, foi prontamente acusado de plágio, pelos arquitetos brasileiros José Cortez e Angelo Bruhns, dando origem a um desgastante debate que prolongou-se por alguns meses nos jornais locais.²⁷ De fato, a proposta de Agache era bastante similar à de Bruhns and Cortez, mas pode-se argumentar que essas soluções pertenciam ao vocabulário comum do urbanismo ligado à Beaux-Arts.²⁸ Esta acusação de plágio fez renascer um certo nacionalismo e um novo debate sobre a capacidade de Agache de levar o plano a termo, assim como ao aumento de críticas em relação aos altos custos do plano e da falta de resultados concretos.²⁹ O debate também envolveu questões políticas, já que atacar Agache era uma forma de criticar a municipalidade. Muitas vezes, o próprio prefeito teve de vir a frente defender Agache.³⁰

Apesar de a maioria dessas críticas terem sido motivadas por disputas profissionais ou por contendas políticas, eles também dirigiram-se ao plano em si e aos aspectos culturais da empreitada como um todo. Como já citado por Margareth Pereira, o engenheiro Costa Moreira criticou o plano de Agache em termos técnicos e financeiros, particularmente a Entrada do Brasil e os muitos túneis propostos. Ele também criticou os desenhos de Agache

²⁶ “A remodelação da cidade: Carta do Prefeito ao Presidente do Rotary Club” *O Paiz*, 26 Fevereiro 1928, 3.

²⁷ “A mais bella cidade”, 3. Essa reportagem mostra já as principais linhas do plano. Cortez acusou Agache de ter copiado em sua Entrada do Brasil, uma solução feita por ele e Bruhns para a mesma região datado de 1921. Este projeto, publicado em *Der Städtebau* in 1928, mostra uma solução similar de três grandes boulevards convergindo para uma praça aberta rente ao mar. José Cortez, “Umgestaltung der Stadt Rio de Janeiro” *Der Städtebau* XXIII (January 1928): 101-103. Para o debate ver: “O plágio no urbanismo do Sr. Agache” *Revista da Semana* 24 Novembro 1928; Como se defende o Sr. Agache da acusação de plágio. A traição dos arquivos”. *O Paiz* 2 Dezembro 1928 and “A Porta do Brasil: Replica dos Srs Cortez & Bruhns. Tréplica do Prof. Agaché” *O Paiz* 9 Dezembro 1928. Sou grato a Margareth Silva Pereira por gentilmente conceder-me cópias desse material

²⁸ Agache, que definia a si próprio como uma catalista procurando integrar muitas propostas em um todo, alegou que encontrou uma solução similar, mas que acusá-lo de plágio, seria como acusar um médico por ter prescrito o mesmo remédio, pois as diferenças podiam ser encontradas na dosagem. No prefácio da versão francesa do seu plano, ele listou todos os trabalhos consultados para seu plano. ‘Como se defende’, 1.

²⁹ “As declarações do Sr. Agache sobre o plano geral da remodelação da cidade” *O Paiz* 7 Novembro 1928: 1

³⁰ “A remodelação da cidade”, 3; Denise Stuckenbruck, *O plano Agache e o ideário reformista dos anos 20* (Rio de Janeiro: FASE/IPPUR, 1996), 102. Ver também a crítica de ex-prefeito Carlos Sampaio, *Idéias e impressões* (Paris: Imprimerie Puyfourcat Fils et Cie, 1929), 30, 54.

à *vol d'oiseau* e sua incapacidade de apreender a complexa natureza do Rio e de integrar os aspectos culturais de uma cultura americana. Segundo Costa Moreira, Agache sentia-se “tão deslocado e até certo ponto acaçapado diante de nossa topografia e esplendente natureza, sendo-lhe necessário de quando em vez ir até Paris, para ouvir os mestres de lá...”³¹ Argumentando que existia uma “diferença fundamental entre a cidade europeia e a cidade americana” um jornalista local criticou a Agache pela sua inflexível abordagem europeia da realidade local:

Não é seguindo o modelo das famosas cidades de velhas civilizações que no vamos construir uma cidade que represente nosso espírito americano....Não podemos esquecer que os padrões de valores a que teremos de submeter o ritmo do nosso progresso não os encontraremos na Europa, mas na exuberância dinâmica da vida norte-americana. New York e Chicago com os seus arranha-céus ciclópicos encerram inspirações mais adequadas às necessidades do espírito do Brasil novo do que as elegantes e delicadas linhas da arquitetura parisiense.³²

Além das formulas e da falta de incorporação dos temas locais no plano, essas críticas encerram preocupações culturais mais sérias em relação ao próprio projeto de modernidade que estava sendo implantado. Segundo Pereira, para muitos, os urbanistas de São Paulo estariam certos ao observarem os exemplos das cidades norte-americanas, liberando-se desta camisa-de-força e propondo soluções mais realistas para seus problemas. Provavelmente tocado por essas críticas Agache viajou aos Estados Unidos para observar ele próprio a verticalização das cidades norte-americanas e a possível existência de um urbanismo apropriado ao continente americano.³³

O ano de 1929 foi ainda mais difícil para Agache, já que as provocações e os ataques continuavam e ele era constantemente chamado para mostrar seu trabalho.³⁴ Alguns reclamavam que só tinham conhecimento do plano por meio de artigos publicados na França.³⁵ Em outubro, o prefeito pediu fundos ao Conselho Municipal para pagar os

³¹ *Revista do Clube de Engenharia* n.32, 1930. Citado por Margareth Pereira, *A Americanização da América*, p 1197. Na sua crítica, Costa Moreira provou a impossibilidade do aterro da Entrada do Brasil e condenou a extensão do Canal do Mangue, futura Avenida Presidente Vargas.

³² “A americanização do Rio de Janeiro” *O Paiz* January 20 1929:1,7 Citado por Margareth Pereira, “O Pan-Americanismo e seu impacto na institucionalização d urbanismo no Brasil (1920-1950)” in *IV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*, ed. Denise Machado, (Rio de Janeiro: PROURB, 1996), 1196.

³³ *Ibid.*, 1197. Margareth Pereira, “The time of the capitals: Rio de Janeiro and São Paulo: words, actors, and plans” in Arturo Almandoz, editor, *Planning Latin America's Capital Cities*, (London: Routledge, 2002), 103.

³⁴ After the ample report of November 1928, Agache let the public know about some designs during 1929. “O Rio de Janeiro futuro: O plano Agache para o arruamento da area do Castello” *Correio da Manhã* 28 July 1929:1; “O que será a Avenida da Independência do plano Agache” *Correio da Manhã* 28 July 1929: 1

³⁵ “A americanização do Rio”, 1. Ver os artigos dos assistentes de Agache: Etienne de Gröer, “La circulation et les transports à Rio de Janeiro”, *Le Maître d'Oeuvre*, 4, 33 (1929):41-48; William Palanchon, “Une conquête de l'effort humain”, 13-40. Lúcia Helena Silva, “A trajetória de Alfred

honorários, o que foi aprovado após relutantes questionamentos. Em agosto de 1930, Agache apresentou uma maquete de seu plano, que foi de novo duramente criticada, sendo acusado de ser pitoresco e de não levar em conta as reais potencialidades e problemas da cidade. Logo após, ele deixou o Brasil e, em outubro, ocorre a reviravolta política provocada pela ascensão de Vargas. No fim daquele mês, Agache enviou de Paris o plano final.

Agache sofreu com uma ferrenha oposição e com a falta de recursos. Desde o início, seu plano não criou um consenso. Ele também não teve habilidade para entender a complexidade da sociedade brasileira. Além das rivalidades profissionais e políticas, teve de enfrentar uma sociedade em um processo de afirmação, que não era mais uma passiva receptora de imagens e idéias importadas.

Uma cidade eficiente e bela

Os elementos clássicos tão proeminentes no plano Agache obscurecem o complexo processo pelo qual o plano foi feito. O plano incorporou uma gama variada de tópicos, desde o planejamento regional até detalhes arquitetônicos, incluindo também planejamento, transportes, zoneamento, desenho urbano e códigos de construção. O plano era tão abrangente que, quando publicado em francês dois anos depois, Agache retirou do título a menção ao Rio de Janeiro certamente como uma tentativa de conferir universalidade às suas idéias.³⁶ O legado do plano Agache pode ser encontrado em sua metodologia e em suas formas. Por um lado, ele proveu os urbanistas brasileiros com um método de abordagem de cidades, de planejá-las e uma nova cultura de administrá-las. O plano Agache foi usado por décadas como um trabalho de referência para o Rio de Janeiro. Agache aproximou-se do Rio como um cientista, dissecando a estrutura da cidade por meio de um amplo e metódico estudo. Por outro lado, a imagem dos maciços edifícios ocupando todo o lote com galerias no nível da rua provaram ser motivos influentes para as outras cidades brasileiras.

A crença na habilidade do arquiteto, no poder da tecnologia, e a busca de ideias utópicas estavam fortemente presente na obra de Agache no Rio. Agache acreditava que a arquitetura poderia dar forma à cidade. Apesar da inclusão de um arcabouço sociológico em sua formação, Agache nunca deixou de ser um arquiteto e ele firmemente acreditava que o seu ofício poderia transformar a vida urbana. A abordagem Beaux-Arts, com sua coerência e seus eixos, organiza os aspectos formais do plano. Segundo Agache, a beleza de uma

Agache no Brasil” in *Cidade, Povo e Nação: Origens do Urbanismo Moderno no Brasil*. Ed. Luiz Cesar Ribeiro, Robert Pechman (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996), 406.

³⁶ Agache, *La Remodelation d'une capitale*. Várias partes do plano Agache foram publicadas na *Revista da Directoria de Engenharia*, entre 1933 e 1934.

cidade poderia ser conseguida por meio da construção de conjuntos de edifícios classicizantes. Como legítimo representante da tradição clássica francesa, Agache empregou monumentais composições arquitetônicas para definir espaços urbanos e criar a cidade moderna. Desenho urbano e arquitetura estavam unificados em uma estável e coerente imagem de cidade, livre de contradições e desordem. Ele procurou trazer unidade e coerência para a cidade.

Agache enfatizava a tridimensionalidade dos volumes, massas contínuas, texturas, perspectivas, uma concepção de cidade enraizada no século XIX. Essa abordagem levou a alguns problemas no plano. Procurando adaptar as formas de seu vocabulário classicista às condições locais, Agache tentou, na maioria das vezes sem sucesso, comprimir suas formas ordenadas, geométricas e clássicas na topografia irregular, mostrando uma falta de sensibilidade ao sítio, aos padrões urbanos locais. Procurava domar a natureza teimosa do Rio de Janeiro e dar forma àquilo que seria amórfico e incivilizado. Ao insistir em uma composição unificada para a cidade, Agache não admitiu a adaptação e a flexibilidade requeridas por qualquer estrutura urbana.

A tecnologia foi um também um elemento essencial na definição da forma da cidade. Agache insere o Recife em um extensa rede de comunicação e seu sistema de circulação motorizada estruturou seu plano.³⁷ No entanto, esse elemento tecnológico é trabalhado de forma a se inserir na sua visão arquitetônica. A transformação da rua em uma via de trânsito rápido para veículos motorizados preocupou não apenas os urbanistas, mas também muitos intelectuais dedicados ao estudo das cidades. Agache procurou manter a rua como um elemento da experiência urbana. Pode-se argumentar que Agache procurou resolver o conflito existente entre a mobilidade e a permanência. Para conseguir espaços estáveis, vivos e de qualidade na cidade moderna, era preciso prover um senso de permanência dado por um tecido urbano contínuo, ao mesmo tempo assegurando uma rápida mobilidade. Ele também procurava trazer fluxo de pessoas, automóveis e trens para cidade. Essa abordagem levou a uma intrincada combinação de fluxos e paradas. O fluxo deve ser detido em alguns pontos nos quais podem ser obtidas vistas. Os edifícios são entendidos como simples massas sem detalhes e são definidos apenas no diálogo com os outros. Foram pensados também para ser vistos em movimento de um automóvel, avião ou navio.

O plano de Agache também expressa um longo conflito entre a dimensão artística e cultural (beleza, permanência, representação) e as forças modernas (desenvolvimento, modernização, tecnologia) tão agudo no início do século. Em uma metrópole emergente

³⁷ Parece-nos que a excessiva concentração do tráfego que seria criada pelas suas muitas *étoiles* ou rótulas iria trazer muitos problemas para cidade

como o Rio, Agache se esforçou para conciliar sua visão artística e arquitetônica com as necessidades práticas e técnicas da sociedade moderna, procurando manter unidos dois mundos que estavam se distanciando (fig.11). Como afirmou na entrevista citada anteriormente, ele não era contra arranha-céus, esses majestosos símbolos das forças modernas, desde que estivessem integrados em um conjunto harmônico. As forças da modernidade precisavam ser domesticadas. Ele procurava conciliar o mundo tecnológico e racional com a sua visão artística e pessoal de arquiteto que desejava comunicar-se com sua cultura, valores, e experiência histórica. Como Otto Wagner em Vienna, Agache insistia em mostrar que o planejamento do mundo moderno ainda poderia ser tarefa do arquiteto.³⁸

O urbanismo de Agache, assim como o de seu colega Le Corbusier, tinha uma intensa dimensão utópica. Como apontou Françoise Choay, o gênero utópico foi junto com cultura tratadística os dois mais importantes elementos na formação do urbanismo moderno.³⁹ Apesar de as partes da cidade estarem harmonicamente inter-relacionadas, o plano do Rio de Janeiro revela-se irreal frente à realidade concreta. Não há como vislumbrar as formas de implementação dessa utopia. Agache acreditava que poderia resolver problemas sociais complexos simplesmente indentificando, propondo soluções e impondo-as por meio de códigos. Quando sugeriu que os segmentos sociais mais pobres, morando nas favelas, poderiam mudar-se para as cidades-jardim que ele propunha na periferia, ele foi ingênuo ao não compreender as complexidades de uma sociedade com brutais desigualdades sociais. Suas soluções em termos habitacionais implicariam em uma forte presença estatal que era irreal para o Brasil naquele momento. Agache procurou criar espaços para as massas de cidadãos, mas as massas ainda não existiam no Brasil: ainda tinham de ser criadas. Se o urbanismo emergiu na Europa no bojo de um conjunto de reformas sociais, no Brasil ele chegou antes da própria sociedade moderna.

Essa crença tripartite no papel da arquitetura, da tecnologia e da utopia na definição da cidade pode ser encontrada na obra de Tony Garnier, que como Hénard, foi um substrato comum tanto para Le Corbusier, Agache e seus colegas da SFU. Apesar de ocupar uma posição periférica no grupo da SFU, a *Cité Industrielle* de Garnier consegue provar que esses três elementos estavam presentes na gênese do urbanismo francês do início do século XX.

³⁸ Ákos Moravánszky, "The Aesthetic of the Mask: the Critical Reception of Wagner's *Moderne Architektur* and Architectural Theory in Central Europe" in *Otto Wagner: Reflections on the Raiment of Modernity*, ed. Harry Mallgrave, (Santa Monica: Getty Center, 1993): 201.

³⁹ Françoise Choay, *The Rule and the Model: On the Theory of Architecture and Urbanism* (Cambridge: The MIT Press, 1997), 202-212, 243-247.

Agache veio de um certo contexto cultural e profissional, com suas próprias idéias, convenções e práticas, e ele teve de negociar com um contexto local. Aquele delicado compromisso entre elementos europeus e árabes promovido por Henri Prost no Marrocos não foi conseguido no Brasil. Agache procurou criar uma versão de Paris nos trópicos (fig.12). Apesar de os edifícios da Praça do Castello serem reflexos dos arranha-céus norte-americanos, que Agache visitou durante sua estada no Brasil, eles foram filtrados pelas lentes parisienses do arquiteto. Nas suas perspectivas, até mesmo o intenso céu azul do Rio se tornou cinzento como o céu do norte da França. É difícil imaginar a irreverência e a informalidade brasileira nesses espaços. Carnavais contrastariam agudamente com a formalidade desses espaços que Agache sugere. Mas ele não pode ser culpado por isso, já que seus clientes brasileiros, querendo esquecer as diferenças entre o Rio de Janeiro e Paris, também não encorajaram tal compromisso. Esta visão européia de vida urbana civilizada atraiu aqueles setores da elite brasileira que tinham aspirações de ser europeus.

* * *

As cidades são uma arena na qual as intenções e as aspirações de seus habitantes, projetistas, elites culturais e políticas se encontram.⁴⁰ Longe de ser uma prática isolada e imparcial, urbanismo envolve a interseção entre estética, política, tecnologia, sociedade e conhecimento científico. Urbanismo incorpora as visões que as sociedades têm em relação à seu futuro e consegue conciliar intrincadas visões de mundo. O plano Agache é um documento complexo que revela os valores e as concepções de uma sociedade. Os brasileiros acreditavam que um belo plano urbanístico poderia trazer-lhes um passaporte para a modernidade, sem recorrerem ao árduo processo de modernização social. Como já havia notado o crítico uruguaio Angel Rama, na América Latina a qualidade do urbanismo, como um grande condensador de aspirações sociais, foi ainda mais enaltecido:

As cidades, antes de serem concretizadas, existiam como representações simbólicas, por meio de discursos, imagens, desenhos, perspectivas, e “blueprints”, que expressavam um desejo e um sonho: aquele de transformar a cidade real e uma cidade ideal.⁴¹

Logo após a partida de Agache, o Brasil entrou em uma era de grandes transformações políticas e sociais. Se a década de 1920 assistiu a introdução e a discussão do urbanismo no Brasil, a década de 1930 iria criar uma ambiente mais propício à concretização dessas idéias. O regime de Vargas criou muitas expectativas entre os urbanistas e o plano de Agache foi uma peça essencial no debate urbanístico que se seguiu.

⁴⁰ Donald Olsen, *The City as a Work of Art: London, Paris and Vienna* (New Haven: Yale University Press, 1986), IX.

⁴¹ Angel Rama, *The Lettered City* (Durham: University of Virginia Press, 1996), 29.

A atenção que Agache assim como seu colega Le Corbusier tiveram no Brasil foi bem diferente da recepção que ele tivera por parte das autoridades de sua terra natal. Devido à relutância das autoridades francesas em implementar os planos definidos em lei, eles tiveram poucas chances de concretizar suas idéias na França. Ambos encontraram nos trópicos uma nação inteira ansiosa por ouvi-los. Eles encontraram no Brasil uma chance de concretizar seus sonhos.



Fig 1 Alfred Agache (1930)
 Fonte: Bruant, *L'architecte à l'école*, 103

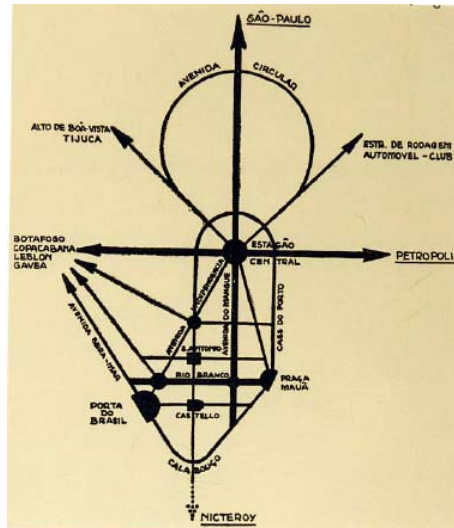


Fig 2. Plano Agache, Esquema de circulação
 Fonte: Agache, *Cidade*, 137

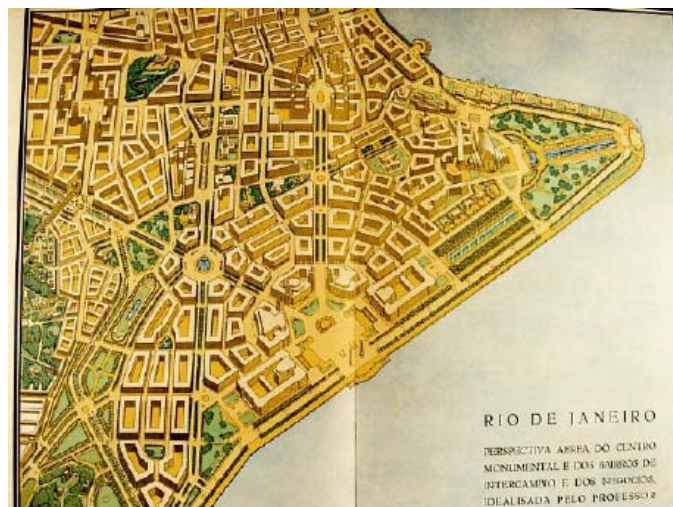


Fig. 3 Plano Agache vista aérea do centro
 Fonte: Agache, *Cidade*, 137

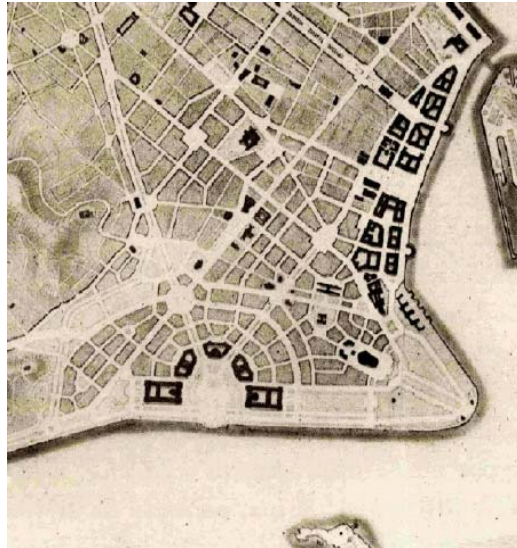


Fig. 4 Plano Agache, área central
Fonte: Agache, *Cidade*, 138

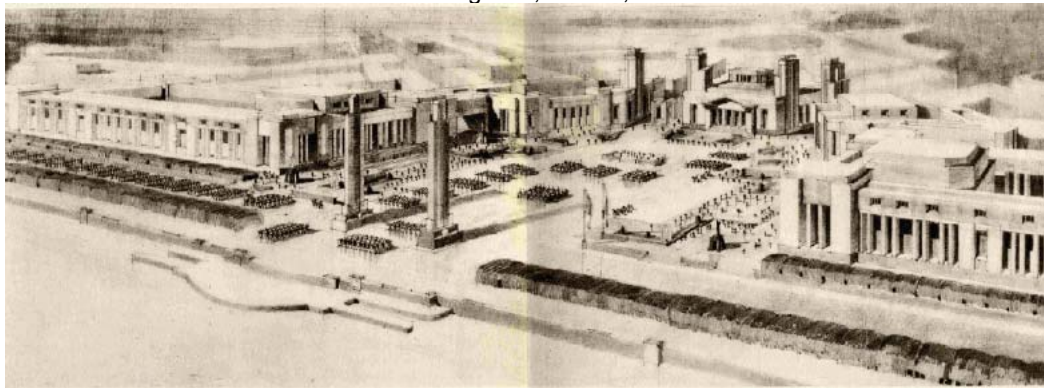


Fig. 5 Plano Agache, Entrada do Brasil
Fonte: Agache, *Cidade*, 210-11

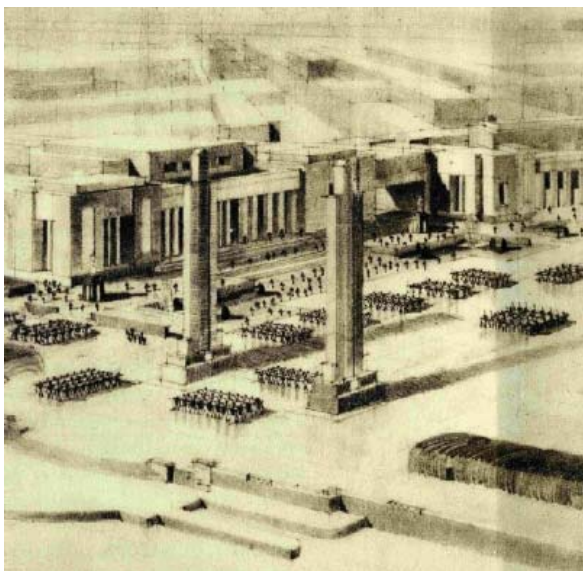


Fig. 6 Plano Agache, Entrada do Brasil, detalhe
Fonte: Agache, *Cidade*, 210

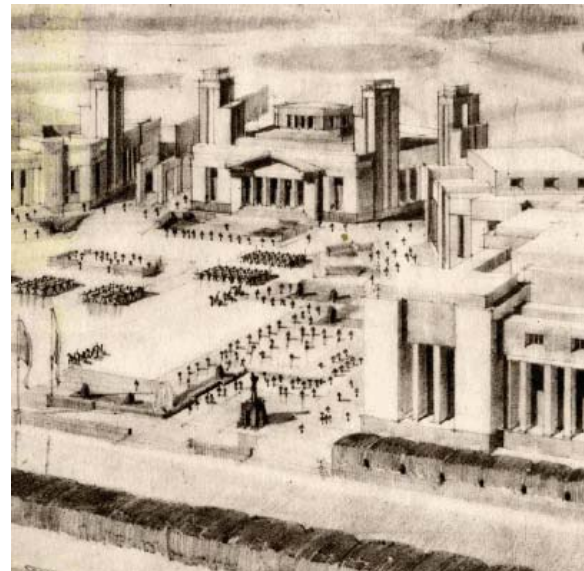


Fig. 7 Plano Agache, Entrada do Brasil
Fonte: Agache, *Cidade*, 211

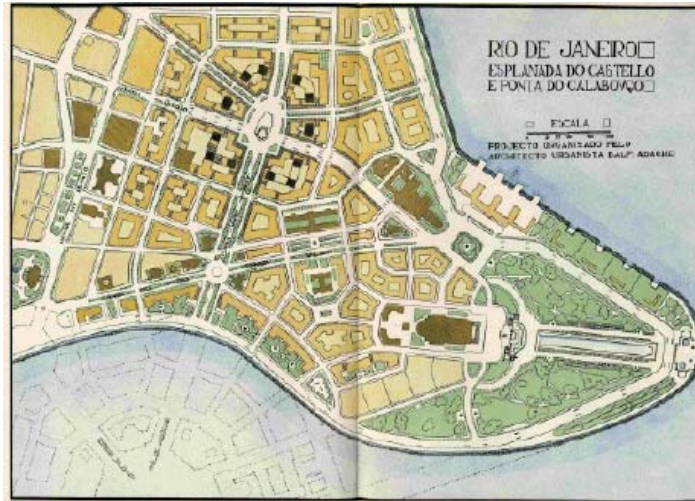


Fig. 8 Plano Agache, Esplanada do Castelo, plano
Fonte: Agache, *Cidade*, 168-69



Fig.9 Plano Agache, Esplanada do Castelo, plano
Fonte: Agache, *Cidade*, 168-69



Fig.10 Plano Agache, Esplanada do Castelo, maquete
Fonte: Agache, *Cidade*, 168-69

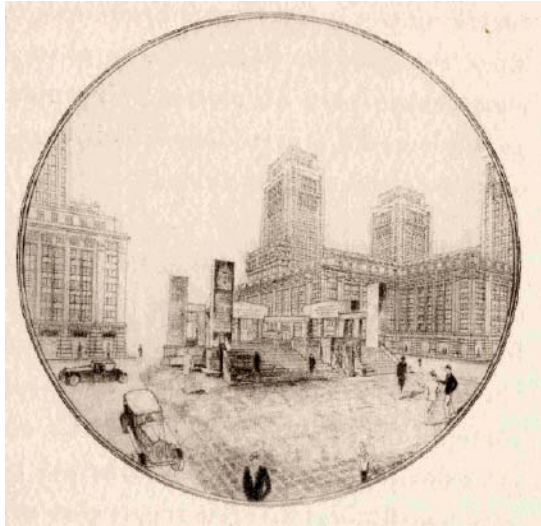


Fig.11 Plano Agache, idem, perspectiva
Fonte: Agache, *Cidade*, 177



Fig.12 Plano Agache, idem, perspectiva
Fonte: Agache, *Cidade*, 177